

ESPORTES

SELEÇÃO Fora do guarda-chuva da Pitch International, CBF tem missão de qualificar amistosos e se reaproximar do povo

Para voltar a ser Brasil com S

DANILO QUEIROZ

A Seleção Brasileira de Futebol está em processo de transição. E não estamos falando somente da busca por um novo treinador para substituir Tite visando a Copa do Mundo de 2026 (o processo seletivo se arrasta há mais de 100 dias). No ciclo preparatório para o Mundial dos Estados Unidos, do México e do Canadá, o time canarinho também tem pela frente a caminhada para voltar a enfrentar grandes adversários, principalmente da Europa. Viés perdido para beneficiar fins comerciais, a recriação da sinergia entre a equipe e a torcida no país também se faz necessária.

A equipe canarinho não joga um amistoso no país desde junho de 2019, quando venceu o Catar, no Mané Garrincha, em Brasília. Nos últimos ciclos, a presença tupiniquim em território nacional ficou restrita a jogos de Eliminatórias e Copa América, quando o país precisa, de fato, atuar em casa. Quando havia o poder de escolha, o exterior foi priorizado. O principal vetor deste sintoma era o contrato da entidade com a Pitch International, empresa responsável por organizar a Brasil Global Tour e toda a logística de jogos do time (local, sugestão de adversários, hotéis e campos de treinos).

O nome do projeto, em inglês, não foi mera coincidência. No período, ver o Brasil em território nacional virou missão complexa. Nem mesmo os estádios construídos ou modernizados para a Copa do Mundo de 2014 serviram de atrativo. Segundo levantamento do *Correio*, desde janeiro de 2013, a Seleção realizou 41 amistosos como mandante, ou seja, sob a tutela da Pitch. Deles, somente 11 foram literalmente em casa. A maioria das



Seleção Brasileira diante da torcida em Jidá, na Arábia Saudita: durante a gestão da Pitch International, jogar longe do país foi algo comum

41
amistosos

foram organizados pela Pitch International desde 2013, ano de entrega da maioria dos estádios da Copa-2014. Deles, apenas 11 foram no país. Contrato se encerrou em dezembro

apresentações no período ocorreram em praças alternativas, como Estados Unidos, Arábia Saudita, Inglaterra, Japão, Canadá, França e, até, Singapura.

O cenário provocou situações curiosas. Com cachê de R\$ 12 milhões por partida, o Brasil jogou mais vezes em Miami e Londres (três em cada) do que em cinco estádios utilizados no Mundial. Em dois, sequer pisou: casos da Arena da Baixada, em Curitiba, e da Arena Pantanal, em Cuiabá. Com a Pitch, houve Superclássico das Américas, contra a

Argentina, na Arábia Saudita, na Austrália e na China. Em 2019, Tite reclamou publicamente do campo escolhido para o amistoso contra o Peru, em Los Angeles. O problema, porém, acabou em dezembro, com o fim do contrato entre as partes.

Aproximação

Agora, a CBF poderá colocar em prática o discurso recente de aproximação adotado pelo presidente Ednaldo Rodrigues. Em contato com o *Correio*, a

entidade confirmou a não renovação com a Pitch e disse estar avaliando formatos para cuidar da logística da Seleção. Uma possibilidade é a realização própria da comercialização. Na Data Fifa de março, a equipe jogou apenas contra Marrocos. “A opção por realizar uma única partida foi em função da necessidade de se dar tempo aos jogadores para ganhar algum entrosamento, já que era uma equipe totalmente renovada”, explicou.

O início da caminhada de reaproximação com o país deve

Era Pitch

Seleção em arenas da Copa-14

Mineirão: sete jogos
Mané Garrincha: seis jogos
Maracanã: cinco jogos
Neo Química Arena: cinco jogos
Castelão: quatro jogos
Fonte Nova: três jogos
Beira-Rio: três jogos
Fonte Nova: três jogos
Arena Pernambuco: dois jogos
Arena da Amazônia: dois jogos
Arena das Dunas: um jogo
Arena Pantanal: nenhum
Arena da Baixada: nenhum

Principais destinos fora do país

Estados Unidos: nove vezes
Inglaterra: cinco vezes
Singapura: três vezes
China, França e Arábia Saudita: duas vezes cada uma

acontecer na próxima Data Fifa, entre 12 e 20 de junho. Nesta janela, o Brasil pretende jogar na Arena da Amazônia, em Manaus, e usar um uniforme todo verde para apoiar a causa ambiental. O rival do compromisso, entretanto, ainda não está definido pela CBF. Seja contra quem for, o amistoso será o primeiro passo de fato para a renovação do vínculo com a torcida brasileira. A entidade entende, ainda, que levar o time para as principais capitais do país é parte importante do processo.

CBF adota o diálogo para viabilizar jogos contra seleções da Europa

Além de reaproximar a Seleção do país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem outra missão para cumprir: driblar a dificuldade de enfrentar adversários europeus no ciclo para a Copa do Mundo de 2026. Durante a preparação para o Mundial do Catar, houve somente um enfrentamento do tipo, contra a República Tcheca, em 2019. A entidade reconhece a necessidade de voltar a medir força com os principais concorrentes pelo tão sonhado hexacampeonato.

“Foi compromisso da CBF, nesta gestão, buscar adversários de nível elevado, algo que anteriormente não aconteceu. Até a Copa do Mundo, o Brasil jogou praticamente com seleções sul-americanas. Existem limitações da Fifa nesse momento que dificultam a vinda de seleções europeias para jogar no Brasil”, justificou a entidade. A confederação tupiniquim, porém, aposta no recém assinado acordo de cooperação entre a Conmebol e a Uefa para facilitar o enfrentamento

com rivais de maior nível técnico. Apesar de complicada, a vinda deles ao país também está nos planos. “Temos um calendário de possíveis adversários para as datas da temporada. Com relação a seleções europeias, o entrave é o deslocamento para outros países, que deve ser de, no máximo, cinco horas de voo. É provável, portanto, que o Brasil ainda realize partidas na Europa, contra as equipes do continente. Por outro lado, países de outros continentes podem vir

jogar no Brasil”, explicou a CBF.

Na última quarta-feira, o presidente Ednaldo Rodrigues participou do congresso de reeleição do esloveno Aleksander Ceferin na entidade europeia, em Lisboa, e defendeu a realização de mais jogos amistosos entre seleções sul-americanas e do Velho Continente. O encontro serviu para tentar contornar as dificuldades impostas pelo regulamento da Fifa. “Vamos trabalhar para que essas barreiras deixem de existir”, garantiu o dirigente brasileiro. (DQ)

Destaque do dia

Juan Mabromata/AFP



Ranking da Fifa

A Fifa divulgou, ontem, a atualização do ranking de seleções, com a confirmação da queda do Brasil após a derrota, por 1 x 0, em amistoso para o Marrocos, há duas semanas. Até então primeira colocada, o time pentacampeão foi ultrapassado pela Argentina, de Messi (foto), atual campeã mundial e nova líder, e pela França, vice no Catar e, agora, em segundo na lista.

Finalíssima Feminina: Brasil perde título para a Inglaterra

Não deu para a Seleção feminina. Em ritmo intenso visando a Copa do Mundo, no meio do ano, o time tupiniquim decidiu, ontem, o título da Finalíssima — encontro entre os campeões da Copa América e da Eurocopa — contra a Inglaterra, no Estádio de Wembley, em Londres, e acabou sucumbindo nos pênaltis. No tempo normal, as equipes empataram por 1 x 1, com gol brasileiro no fim do jogo. Na marca da cal, porém, as inglesas fizeram valer o fator casa e ganharam, por 4 x 2.

Mesmo com o vice, o Brasil ganha bons pontos na preparação em busca do primeiro título mundial Feminino. Faltando menos de três meses para a bola rolar na Austrália e na Nova Zelândia, o time da técnica Pia Sundhage teve enfrentamento parelho contra as inglesas, favoritas para conquistar a taça. No tour pela Europa, a equipe ainda vai enfrentar a Alemanha, na terça-feira, às 13h.

O jogo reafirmou, ainda, a força do futebol feminino em todo o planeta. A primeira edição da Finalíssima, inclusive, foi um sucesso de público: 83.132 torcedores estiveram em Wem-

“Perder é frustrante, mas isso (o público) é espetacular. O futebol feminino venceu. É importante, essa experiência é incrível”

Andressa Alves, atacante do Brasil, à ESPN

bley. Um deles, inclusive, era ilustre. O atacante Richarlison, camisa nove da equipe masculina, foi às arquibancadas e viu o jogo com um cartaz: “Se o Brasil joga, eu vou.”

As jogadoras da técnica Pia Sundhage tiveram momentos distintos em Londres. No primeiro tempo, o time tupiniquim encontrou dificuldade para construir jogadas ofensivas. A Inglaterra também esbarrava na marcação verde-amarela. Mas, na base do domínio, largou na

frente do placar, com gol de Too- ne, aos 22 minutos. As inglesas não saíram com um resultado melhor graças a boas defesas da goleira brasileira Lelê.

Em desvantagem, o Brasil virou a chave no segundo tempo. Com duas mudanças, o time se comportou melhor e parou diversas vezes na goleira Earps. A Inglaterra tentava matar o jogo nos contra-ataques, mas não era efetiva. Quando o fim do jogo se aproximava, a Seleção ressurgiu. Aos 47 minutos, Andressa Alves pegou rebote da arqueira inglesa e deixou tudo igual em Wembley, forçando a definição do título em cobranças de pênalti.

Destaques nos 90 minutos, as goleiras brilharam no momento decisivo. Lelê e Earps pegaram a segunda cobrança das adversárias. A situação brasileira na disputa com a Inglaterra ficou ruim quando Rafaele carimbou o travessão e deixou as donas da casa em vantagem. Com o apoio massivo da torcida em Wembley, as inglesas seguiram eficientes nas cobranças seguintes e confirmaram a vitória, por 4 x 2, com gol de Chloe Kelly. (DQ)

Thais Magalhães/CBF



Autora do gol tupiniquim nos acréscimos, Andressa Alves lamentou revés, mas vibrou por visibilidade

83.132
torcedores

acompanharam a primeira edição da Finalíssima, entre Inglaterra e Brasil, no Estádio de Wembley, em Londres. Público foi o quinto maior registrado em compromissos do futebol feminino



INGLATERRA 1 (4)

Earps; Bronze, Williamson, Greenwood e Jess Carter; Keira Walsh, Gerogia Stanway, Ella Too- ne; Alessia Russo (Rachael Daly), Lauren James (Chloe Kelly) e Lauren Hemp (Katie Robinson).

Técnica: Sarina Wiegman

Público: 83.132 **Renda:** não divulgado



BRASIL 1 (2)

Lelê; Antônia (Gabi Nunes), Lauren (Andressa Alves), Kathellen; Rafaele, Tamires, Luana (Duda Francelino), Ary Borges (Fê Palerm), Kerolin; Bia Zaneratto (Adriana) e Geysse.

Técnica: Pia Sundhage

Árbitro: Stephanie Frappart (França)